



## ZÉ CELSO VERSUS SILVIO SANTOS: A TEATRALIZAÇÃO DA DISPUTA URBANA

*AFFONSO, Isadora Vidal Pinotti; isadora925@gmail.com; IAU-USP*

### 1 Introdução

O grupo Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, desenvolveu um extenso trabalho de pesquisa e experimentação do trabalho do ator, das possibilidades dramáticas e da criação cênica, firmando seu lugar na história da encenação Brasileira com uma linguagem característica e poética de criação própria.

Durante esta trajetória, o espaço ocupado pelo grupo foi cultivado como um território de relações intensas, criações dramáticas e simbologia sagrada: o palco do Teatro Oficina se criou em simbiose com o grupo teatral e com todas as outras linguagens criativas que nasceram ali.

Atualmente, o edifício sede do grupo representa um marco na arquitetura teatral mundial, mas ao mesmo tempo também é a arena de uma disputa urbana que já se desenrola há mais de 40 anos na cidade de São Paulo: O grande terreno vazio no entorno do prédio, vem sendo palco desta disputa espacial entre o Teatro Oficina (que deseja o espaço para a execução de um projeto maior de ocupação, voltado para as artes e uso comum), e o Grupo Silvio Santos (proprietário do terreno).

Existe ainda nesta disputa um caráter de teatralização das relações imobiliárias e das políticas urbanas que interessa bastante a este estudo. Esta pesquisa propõe-se a analisar esta disputa territorial e estes movimentos de ocupação espacial germinados no Oficina e a relação com o bairro e com a cidade. Observar este “novo gênero” que se cria – que é teatro, é dramaturgia, mas também é política urbana, também é economia imobiliária, e também é arquitetura – possibilita um novo ângulo de visão e uma nova chave de compreensão da cidade e das relações político-urbanas acompanhadas da produção artístico-teatral.

### 2 Objetivos

Analisar a disputa territorial entre o Oficina e o Grupo Silvio Santos, observando como a teatralização de uma questão do campo imobiliário surge e se consolida no campo da gestão política e urbana; Apresentar e documentar a disputa territorial entre o Oficina e o Grupo Silvio Santos e os possíveis desdobramentos desta questão; Buscar compreender como diferentes camadas de entendimento espacial podem ser utilizadas concomitantemente para expor uma questão, fomentar a ocupação da cidade e interferir na gestão urbana; Identificar a criação de narrativas, a dramatização, a criação de personagens e a teatralização como chaves de leitura para a questão político-urbana e

apontar sua utilização na situação do Oficina, em São Paulo, mas também em outros governos atuais.

### **3 Abordagem da pesquisa**

A pesquisa se deu a partir do levantamento, organização e análise de vasto material bibliográfico, de arquivos e de campo (livros, jornais, entrevistas, reportagens, revistas, acervos fotográficos, vídeos, mídias sociais), a partir do qual pudemos identificar quais eram os principais problemas, objetivos e hipóteses do trabalho.

Optamos por elaborar uma periodização como uma forma de facilitar o entendimento do conflito em si e para apresentarmos e analisamos alguns dos projetos propostos por ambos os lados.

Uma das principais dificuldades foi descobrir como organizar um conflito com tantas camadas, como entendê-lo, e como narrar essa questão. Houve também a dificuldade de pesquisar e escrever sobre um momento tão atual. Estamos trabalhando com um acontecimento que ainda está em curso e muito recente, questões atuais e com desdobramentos futuros impossíveis de se vislumbrar no momento.

### **4 Resultados e discussões**

O Teatro Oficina é um dos grupos mais relevantes para a história teatral do Brasil, que, ao longo de sua trajetória, desenvolveu uma complexa relação com o espaço teatral e urbano. Toda sua história culminou na forma como o grupo respondeu à empreitada imobiliária do Grupo Silvio Santos.

Identificamos na pesquisa alguns momentos balizadores que dizem respeito à questão espacial e também a forma com a qual a companhia se ressignifica de acordo com cada situação específica.

Desde sua fundação o grupo desenvolve uma relação única com o espaço, para o qual são propostos e construídos três projetos arquitetônicos teatrais<sup>1</sup> ao longo dos anos. O grupo também se modifica em suas formas de posicionamento político e no seu fazer teatral, se posicionando contra a ditadura militar, diminuindo os limites entre teatro e vida e sempre buscando novas formas de se apresentar dentro da cena artística.

Na década de 80 o Grupo Silvio Santos inicia a compra dos terrenos no entorno do teatro, a demolição das construções existentes e passa a propor empreendimentos como shopping centers e centros comerciais, tentando, inclusive, comprar o terreno do Oficina e apresentando um obstáculo ao desejo do grupo de expandir sua ocupação com um teatro de arena. Nos anos seguintes o Oficina, que já possuía, então um certo status paradoxal de “patrimônio” dentro da história teatral do Brasil, passa a integrar a questão do terreno a sua produção artística, as suas práticas urbanas, teatraliza a questão da disputa pelo terreno e, desta maneira, se ressignifica neste conflito.

Também analisamos neste trabalho a trajetória de Silvio Santos, buscando identificar como ele construiu sua carreira como comunicador e como se sustenta sobre a narrativa do camelô que vai do circo e do teatro de rua às rádios e à televisão, e traçando um

---

<sup>1</sup> Em 1961, com projeto de Joaquim Guedes, o teatro traz inovadoras plateias sanduíches, que já ilustram o início do que seria uma postura de vanguarda do Oficina com a questão espacial. Em 1967, o teatro é reconstruído após um incêndio com projeto de Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, e o grupo mobiliza a cena paulistana para a reconstrução do teatro, além de expressar uma visão maior do que seria a abrangência de seu teatro (para além do espaço teatral e rumo a um espaço cultural e social). Em 1993, com projeto de Lina Bo Bardi e Edson Elito, o teatro se apresenta com um formato de passarela – de rua – e neste momento o Oficina se conecta com o terreno vazio no meio da quadra e surge o desejo de construir um teatro de arena e abrir-se em um espaço público.

breve caminho entre a pequena empresa Baú da Felicidade, até a criação da enorme holding Grupo Silvio Santos e o SBT, em algo visto como um império das comunicações, buscando desta forma construir um perfil ultrapassando e cortando a figura do mito.

A principal realização vista aqui foi poder lançar um olhar para a disputa pelo terreno e identificar como ela mobiliza diversas outras questões e permite variadas leituras sobre elas.

Podemos analisar a questão do espaço urbano, suas divisões entre público e privado, o uso do espaço, o chamado “direito à cidade”, quem são os agentes que constroem a cidade e quais são as ferramentas utilizadas para isso; Qual é o lugar do teatro na cidade e qual seria o papel do teatro contemporâneo; Existe ainda a questão da teatralização da disputa (Como um problema do universo do urbano, do mercado imobiliário, foi transformado em narrativa dramática, em cena, e como o teatro saiu da caixa preta e foi para a disputa urbana); Os personagens que foram criados sobre as figuras do Zé Celso e do Silvio Santos (Dois homens que não são políticos, mas são figuras extremamente políticas, com características análogas e opostas ao mesmo tempo, que possuem uma voz política e estão inseridos a história política e cultural do país, e, nesse caso, tem uma relação com a transformação da cidade.); Refletimos também sobre a questão da presença no teatro. Como essa discussão, tão em voga, surge no momento em que o Oficina cria estratégias para trabalhar seu teatro suas práticas urbanas de uma forma bastante mediada por redes sociais.

Passamos a observar a capacidade do Oficina de se realocar de diferentes maneiras tanto no espaço da arte, quanto no espaço da política e da cidade, de acordo com os cenários existentes e, quando colocamos em paralelo a disputa pelo terreno e todas as vitórias e derrotas tanto do Oficina quanto do Silvio Santos, com os acontecimentos políticos no Brasil, nós identificamos diversos pontos de convergência entre estes, mesmo que de signos opostos, e o cenário político e econômico brasileiro, culminando nossa análise com uma série de interrogações sobre o panorama político cultural brasileiro atual. Estes paralelos nos possibilitaram uma leitura sobre questões que extrapolaram o conflito em si, e como isso dialoga com todo cenário político em curso. Como algo semelhante ao que estamos chamando de práticas urbanas críticas também foi assimilado por outros grupos e agentes sociais. Como a questão da teatralização e da criação de personagens também extrapolou este lugar de um grupo teatral e foi parar na política. Desta forma apresentamos uma leitura multifacetada de uma disputa territorial que fala ao universo do teatro, ao universo das cidades, do urbanismo e da arquitetura, da política e dos acontecimentos recentes, da comunicação e das tecnologias midiáticas, e, principalmente, ao campo expandido de todos estes microuniversos, que se relacionam simbioticamente na construção da malha social e urbana.

## 5 Referências

MARTINS, Mariano Mattos (org). Associação Teatro Oficina Uzyna Uzona. Drummond, Marcelo (coord). Corrêa, José Celso Martinez (coord). **Oficina 50 +** : labirinto da criação. São Paulo: Associação Teatro Oficina Uzyna Uzona, 2013.

SILVA, Armando Sérgio da. **Oficina: Do Teatro ao Te-Ato**. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.



**Figura 1:** Teatro Oficina atualmente. Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

**Figura 2:** Teatro Oficina ao lado de prédio do Grupo Silvio Santos, foto de 1983, representando o início da disputa. Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), Unicamp.



**Figura 3:** Cartaz do espetáculo Os Sertões – A Terra, de 2002, com o buraco aberto na parede, entre o teatro e o terreno do Grupo Silvio Santos, representando a dissolução entre os limites da cena e da vida – a teatralização da questão espacial culminando em um espetáculo com temática territorial. Fonte: <http://teatrooficina.com.br>.

**Figura 4:** Estudo proposto para o parque do Bixiga, que teve seu projeto aprovado pelo PL 805/2017, em fevereiro de 2020, pela câmara de São Paulo, e agora aguarda sanção do prefeito Bruno Covas. Fonte: <http://teatrooficina.com.br>.